

## ENSAIO

# POR QUE A MONA LISA NÃO É ASSINADA?

*As assinaturas surgem como o resultado da percepção de si mesmo como indivíduo em confronto ao próximo, a destacar sua produção com unicidade. O objeto de análise - a assinatura e as suas múltiplas manifestações - de forma escrita ou imagético-simbólica, nos remete ao nível social e intelectual do seu autor*

**ZUZANA TREPKOVÁ PATERNOSTRO**  
**ABCA/RIO DE JANEIRO**

Uma assinatura é a identificação do artista em sua própria obra. É a forma como marca sua presença, como se gritasse ao espectador “essa obra é minha”! Mas a história da identidade nem sempre foi assim. Essa não era - por sinal - a intenção do autor de uma das mais famosas obras universais a pintura ‘Mona Lisa’ do Leonardo da Vinci (1452-1519). Sua personalidade almejava muito mais; ser lembrado como grandioso inventor, engenheiro ou ao menos escultor do que um simples pintor. Por isso a Mona Lisa, entre outras pouquíssimas pinturas dele, não estão assinadas, simplesmente pelo desinteresse do Leonardo, já que realmente o artista possuía qualidade de um gênio de caráter científico, além de outros talentos que ele presava. Por isso Da Vinci não deixava de ter razão em não valorizar em primeiro lugar o seu talento pictórico, já que a pintura não merecia ter prioridade entre suas outras habilidades, que eram mais importantes, para a sociedade da época. A pintura era mais limitada do que suas ideias de avanços tecnológicos.

Da mesma forma a assinatura era uma

convenção estabelecida no século XIX para então tornar se hábito definitivo. Até então, as condições dos artistas particularmente pintores eram bem distintas e determinadas pelas localizações geográficas e sujeitas a condições e relações sociais diferenciadas. Sua importância era influenciada conforme o país e a presença das forças dominantes principalmente econômicas, inclinações religiosas e correspondiam a estruturas emplacadas e forjadas pelo poder vigente. O exemplo particularmente demonstrativo é o caso da Holanda, suas conquistas ultramarinas e a riqueza escoando desses territórios longínquos que propiciavam desenvolvimento econômico e ascensão da burguesia. Foi o surgimento, segundo estatísticas conhecidas, de cerca de 650 a 700 pintores organizados em guildas, e estes produziam a estimativa de setenta mil quadros por ano (SEVCIK, Anja, 2012). Esses números sobrevieram conforme pesquisas dos historiadores de arte, a partir da quantidade existente das pinturas holandesas nas coleções de instituições e particulares nos continentes da Europa e América.

**EM COMPARAÇÃO AOS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS  
PODEMOS DIZER QUE ESSA EXPLOSAO DE IMAGENS  
FIGURATIVAS FOI PARA ELES UM EQUIVALENTE A IDEIA  
CONTIDA NO NOSSO ATUAL INSTAGRAM**

As assinaturas surgem como o resultado da percepção de si mesmo como indivíduo em confronto ao próximo, a destacar sua produção com unicidade. O objeto de análise - a assinatura e as suas múltiplas manifestações - de forma escrita ou imagético-simbólica, ela nos remete ao nível social e intelectual do seu autor.

Pretende-se expor neste texto obras pertencentes ao Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em que é possível analisar tal afirmação artística, uma vez que se monta uma espécie de linha do tempo, passível de detectar tal avanço. As obras aqui abordadas são de artistas distintos, representando momentos diversos da História da Arte. O que confirma a riqueza e variedade presente no acervo de pinturas estrangeiras do Museu. Esta coleção foi apreciada no passado, não só por historiadores nacionais, como estrangeiros e

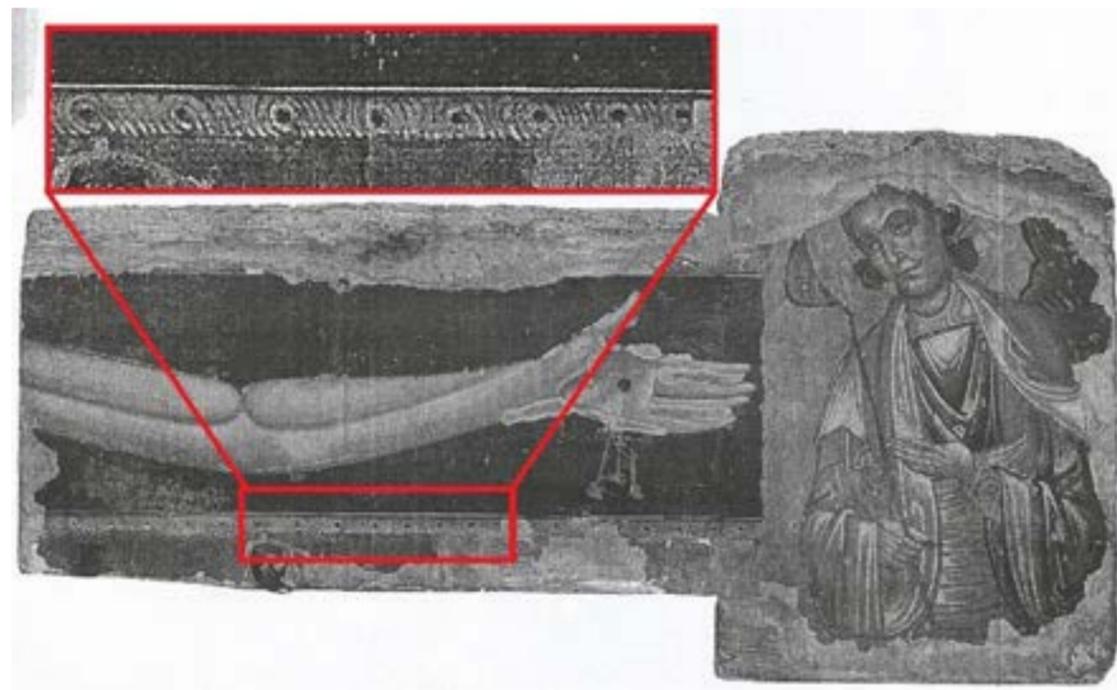


Fig. 1: 1. Mestre Calci. (1250 - 1300). Braço de Cristo com São João. Têmpera e ouro sobre madeira, 30 x 60 cm. Doação de Pietro Maria Bardi, 1946. Fotografia: Arquivo MNBA/IBRAM/IPHAN.

submetida a opiniões distintas que contribuíram para a identificação em todos os aspectos.

No percurso que levou a ser utilizada plenamente a “assinatura” encontramos, através de uma análise cuidadosa e frequentemente demorada, elementos interessantes contidos em detalhes aparentemente insignificantes. São

justamente marcas, símbolos e outros que nos levam a elucidação que apontam a determinada autoria, mesmo desconhecida. O primeiro exemplo dessa ideia está presente na obra mais antiga do acervo de pinturas Europeias da coleção do Museu.

Excepcional pela sua antiguidade essa pintura resume se a um fragmento de



Fig. 2: Roeland Jacobsz Savary (1576 - 1639). O Paraíso Terrestre. Óleo sobre madeira de carvalho, 55x91 cm. Doação, Baronesa de S. Joaquim, 1922. Fotografia: Arquivo MNBA/IBRAM/IPHAN.

um crucifixo processional da Idade Média. Originária da Toscana (Itália) intitulada *Braço de Cristo com s. João Batista* constava no acervo como obra de Artista Desconhecido e era atribuída a um dos membros da família Pisano, autores do esplendido conjunto de catedral, baptistério e a famosa Torre inclinada. Em 2005 este fragmento ‘brasileiro’ participou de uma exposição internacional dedicada a exibir cruzeiros processionais medievais toscanas originárias de museus italianos, assim como de acervos estrangeiros. Nessa ocasião o fragmento do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro teve a oportunidade de ser observado pelos curadores especialistas no assunto. Sua participação resultou em

análise minuciosa realizada *in loco* quando se descobriu que era possível determinar a autoria pela existência de diferentes elementos que caracterizam a distinção dos autores. A “maneira”, os traços que caracterizam o pintor, dispostos e repetidos de forma involuntária, como podemos conferir na fotografia: (*Imagem 1*). A identificação aproximou a obra ao círculo geográfico não apenas circunscrito a Pisa mais precisamente a uma comuna chamada Calci, próximo à cidade mencionada. Foi nessa região que trabalhou um artista hoje desconhecido, porém identificado pela utilização do mesmo ornamento em suas cruzeiros e que contornava invariavelmente - em forma de meandro - as suas pinturas. O fragmento do MNBA foi por meio de comparação com produção daquela região identificada como sendo da autoria do Mestre de Calci (meados do século XIII). Concluindo, pertence hoje ao pesquisador e crítico de arte italiano Lorenzo Carletti a consolidação da autoria desta pintura.

**HISTÓRIA DO LONGO CAMINHO PARA APROVAÇÃO DE HABILIDADE ARTESANAL,  
TALENTO ARTÍSTICO E AFIRMAÇÃO DA PRÓPRIA IDENTIDADE**

Roelandt Savary (1576-1639) - *Paraíso terrestre*. Uma das pinturas que dá mais um passo a frente na identificação por meio da presença das assinaturas. Distante da primeira alguns séculos, foi assinada em forma de letra e exibe ainda uma técnica nova - a descoberta da pintura a óleo (*Imagem 2*). Devemos nesse caso, situar-nos na parte norte da Europa, precisamente nos Países



Fig. 3: Reserva Técnica. Apresentação de um dos quadros de R.Savery pela técnica do Acervo KHM em Viena, 1991. Fotografia: Arquivo cedido gentilmente pelo KHM.

Baixos no século XVII. Conhecido como “Século de Ouro”, era época de desenvolvimento econômico nos Países Baixos decorrentes das conquistas marinhas de rotas ao Oriente. Era o início do crescimento do pensamento liberal holandês, particularmente de suas sete províncias. Obra considerada uma preciosidade da coleção de pintura estrangeira constitui exemplo perfeito da produção artística neerlandesa da época. Este quadro ostenta a assinatura de R.Savery, além do fragmento do ano 162 . . .que acabou incompleto devido

ao desgaste do tempo. O artista repetia temas similares ao do MNBA; tais com *Paisagem com pássaros* no Museu Nacional em Praga e *Paisagem com Orfeu (Imagem 3)* do acervo em Kunshistorisches Museum em Viena.

Nesse ponto foi concluída a passagem à autoafirmação artística que culminou na criação de associações de pintores constituindo as oficinas da categoria artísticas chamadas Guildas de San Lucas.

Originário de uma dessas oficinas citadas e de famílias artísticas de nome Brueghel era **Jan Peeter Broeghel** (1628 - 1664) autor da pintura *Flores*. Quando da nossa apresentação no CODART (Concelho Internacional de Curadores da Pintura Flamenga e Holandesa.) desta reprodução ao um dos membros - Fred Meijer (RKD-Haia, 2002) especialista em gênero de natureza morta: o mesmo identificou a composição como pintura do citado Jan Peeter Brueghel . Pintor originário de Antuérpia onde os últimos registros de sua presença datam de 1662. Último trabalho datado desse artista é de 1664 e a obra do MNBA deve ter sido executada

depois desta data. O ramo de flores disposto ingenuamente é uma cuidadosa composição dentro dos princípios da pintura de rica variedade de flores (*Imagem 4*). Um tipo de natureza morta símbolo da temporalidade já que os ramos exibidos jamais poderiam florescer ao mesmo tempo.

**Melchior de Hondecoeter** (1636-1695) *Cisne e Pavões* filho de Gysbert Gillisz d’ Hondecoeter (1604 - 1653), que já assinava também, mas com características diferentes das do seu pai e antecessor . A obra utiliza recursos nos seus quadros cênicos, horizontes distantes e insere elementos como uma larga sacada com balaustrada, que lhe permite um tratamento em planos distintos proporcionando visões diferenciadas. (*Imagem 5*)

Sua assinatura se encontra - como era hábito do artista - inserida num dos elementos arquitetônicos de seu quadro, no ambiente nobre. Considerado, por mérito, o mais importante pintor de aves vivas de seu tempo, até hoje suas representações não encontram rivais neste gênero em toda arte holandesa. As pinturas de

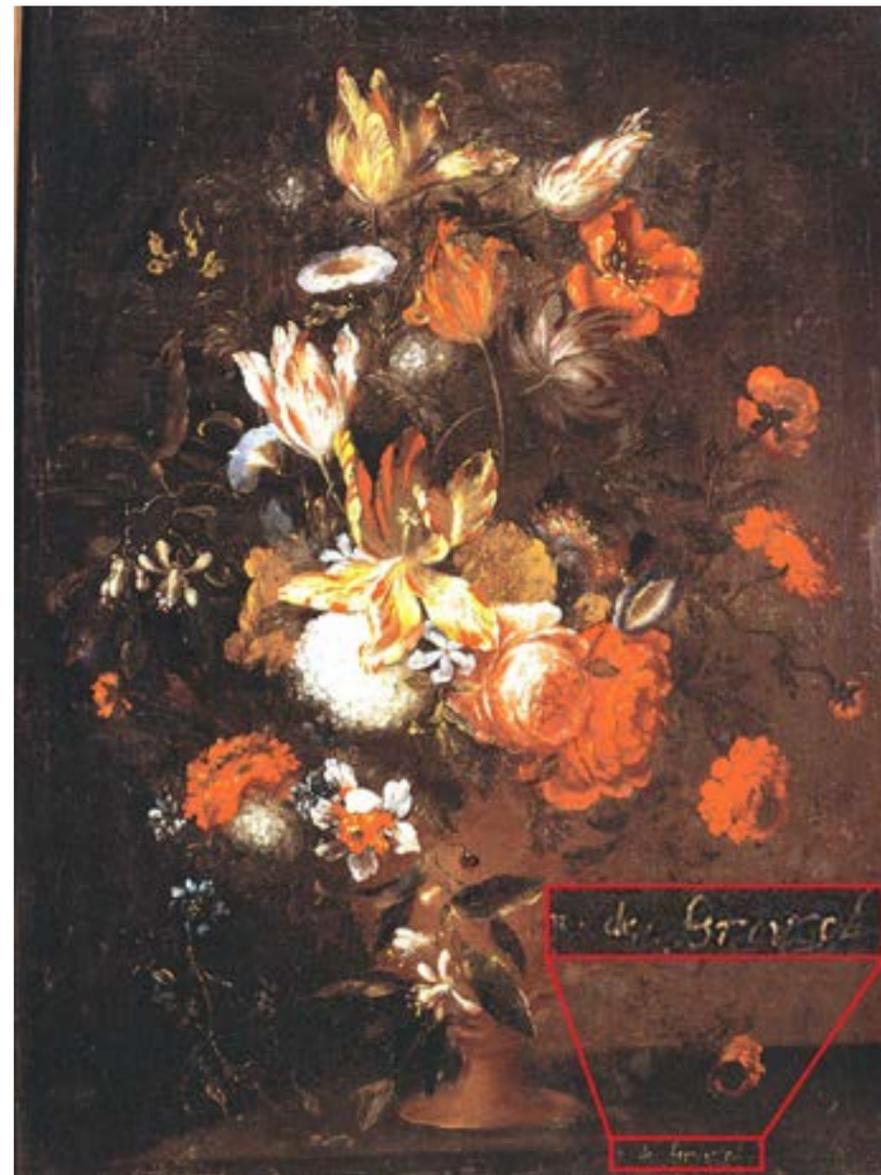


Fig. 4: Jan Peeter Broeghel (1628 - 1664) Flores. Óleo sobre tela, 80 x 60 cm. Doação, Salvador de Mendonça, 1890. Fotografia: Arquivo MNBA/IBRAM/IPHAN.

família dos Hondecoeter revelam suas convicções políticas, identificando os artistas com o pensamento religioso e filosófico de seus ancestrais, análogo à ordem social e espiritual das prósperas cidades neerlandesas do Norte.

Ao concluir temos a oportunidade de admirar uma rara e bela pintura da Península Ibérica, mais exatamente de Lisboa. Joaquim Manoel da Rocha (1727-1786) com quadro intitulado *Caramujos e conchas*. Artista - professor foi pintor e gravador, ensinando desenho na Academia de Belas Artes em Lisboa, sendo mestre, entre outros, de Domingos Antônio de Sequeira. Dedicou-se ao gênero de natureza morta que, como nesse exemplo reproduzido, continha mensagens morais. Os elementos que se encontram na composição são de natureza inanimada, objetos cuja razão de existir se extinguiu. Neles, podemos perceber - embora sutilmente - advertências simbólicas de caráter ético. Esse tipo de natureza morta, muito difundida durante séculos XVII a XVIII, era denominado ‘vanité’ ( vaidade) e muito difundida na Península Ibérica (*Imagem nº 6*). A pequena assinatura na pedra localizada no canto esquerdo do quadro - embora negligencie a data - não omite a autoria do pintor.

Para concluir, a consolidação da assinatura segue seu caminho independente e irreversível no século XIX. O século da consciência apercebida - entre outros - também pela Revolução Francesa de 1789. Foi concretizada a autonomia e a liberdade não apenas do Homem como do Artista também, para nunca mais saírem da cena.



Fig. 5: Melchior Hondecoeter (1636 - 1695). Cisnes e Pavões. Óleo sobre tela, 145 x 211,5 cm. Doação da Presidência da República (Getúlio Vargas), 1957. Fotografia: Arquivo MNBA/IBRAM/IPHAN.



Fig. 6: Joaquim Manoel da Rocha (1727 - 1786). Caramujos e Conchas. Óleo sobre tela, 46,8 x 68,2 cm. Doação de Cunha Porto ao MNBA, 1942. Fotografia: Arquivo MNBA/IBRAM/IPHAN.

## REFERÊNCIAS

BURRESI, Mariagiulia e CALECA, Antonio. Le croci dipinte. Pisa: 1993

CARLETTI, Lorenzo. “Fortuna e sfortune della pittura pisana del Duecento”. In: Cimabue a Pisa - la pittura pisana del Duecento da Giunta a Giotto. Pisa : Pacini Editore SpA, 2005.

LUSTOSA, Heloisa Aleixo. Acervo Museu Nacional de Belas Artes - Collection Museum of Fine Artes. Instituto Cultural Banco Santos: São Paulo, 2002

SEVCIK, Anja K.Rembrandt & Co. Přibehy Umeni ve Století Blahobytu. Národní Galerie v Praze: República Tcheca, 2012.

SOUZA, Alcidio Mafra de. O Museu Nacional de Belas Artes.(Banco Safra) 1 ed. Museu Nacional de Belas Artes: Rio de Janeiro, 1985.

TARTUFERI, E. La pittura a Firenze nel Duecento. Firenze:1990.

[https://www.frick.org/interact/miniseries/flemish/george\\_keyes\\_collecting\\_flemish\\_paintings\\_midwest\\_detroit\\_minneapolis](https://www.frick.org/interact/miniseries/flemish/george_keyes_collecting_flemish_paintings_midwest_detroit_minneapolis)

<https://www.facebook.com/MNBARio>